

Um estudo laboratorial sobre as variantes platina e bonaerense dos fonemas /y/ e / Λ / do castelhano e as realizações do português brasileiro dos fonemas / Π / e / Π /

Vicente Masipⁱ (UFPE) José Alberto Miranda Pozaⁱⁱ (UFPE)

Resumo:

O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa, de análogo título, que foi realizada de julho de 2014 a junho de 2016, mediante a análise das realizações fonéticas dos fonemas portugueses [ʃ] e /ʒ/ e dos fonemas espanhóis /y/ fricativo, palatal sonoro e /λ/ lateral, palatal, sonoro, segundo a variante platina, que levaram à formulação da seguinte hipótese: "Há mais convergências articulatórias e acústicas do que divergências entre as realizações fonéticas dos fonemas portugueses /[/ e /ʒ/ e as realizações fonéticas dos fonemas espanhóis /y/ e /ʎ/, segundo a variante platina e a variante bonaerense". A partir do estudo laboratorial realizado no PRAAT, embasados na classificação acústica de Jackobson & Halle (1973), foram coletados dados mediante o registro de produções de falantes de língua portuguesa residentes em Pernambuco, e de falantes de língua espanhola, oriundos das regiões onde se usam as variantes descritas: a platina (Argentina, Paraguai, Uruguai) e a bonaerense (Buenos Aires). Após análise e contraste dos dados coletados, consideramos demonstrada a hipótese formulada no início do presente artigo, abrindo o caminho para novas considerações referentes à descrição dos sistemas fonológicos castelhano e português.

Palavras-chave: Variante platina. Variante bonaerense. Fonética acústica. Linguística contrastiva.

Abstract:

This paper presents the results of the research with the same title which was held from July 2014 through June 2016, by analyzing the phonetic realizations of the Portuguese phonemes $|\mathcal{J}|$ and $|\mathcal{J}|$ and the corresponding realizations of the Spanish fricative voiced palatal $|\mathcal{J}|$ and the voiced lateral palatal $|\mathcal{L}|$ according to the Platina variant, which led to the formulation of the following hypothesis: "There are more articulatory and acoustic convergences than divergences between the phonetic realizations of the Portuguese phonemes $|\mathcal{J}|$ and $|\mathcal{J}|$ and the phonetic realizations of Spanish

phonemes |y| and |K|, according to the Platina variant and Buenos Airean variant ". From the laboratory study carried out in PRAAT, based on the acoustic classification by Jakobson & Halle (1973), data were collected through the registration of Portuguese-speaking productions by speakers living in the state of Pernambuco, and the production of Spanish speakers coming from regions where the above described variants are used: the platina region (Argentina, Paraguay, Uruguay) and the Buenos Aires (Buenos Aires) area. After analysis and contrast of the data collected, we believe the hypothesis formulated at the beginning of this article has been demonstrated, paving the way for new considerations regarding the description of the Castilian and Portuguese phonological systems.

Keywords: Platina variant. Buenos Airean variant. Acoustic Phonetics. Contrastive Linguistics.

1. Introdução

Até alguns anos atrás, os Cursos de Língua Espanhola das universidades brasileiras visavam à capacitação dos alunos para ministrar conhecimentos de espanhol a falantes de português, como professores credenciados, ministrando o ensino de Fonologia e Fonética a partir de uma abordagem articulatória e fisiológica do som, face à impossibilidade de desenvolver estudos laboratoriais, dado o alto custo dos equipamentos ad hoc. A evolução da pesquisa no campo laboratorial tem sido descrita, entre outros, por Martínez Celdrán & Fernández Planas (2013) para a língua espanhola ou Barbosa & Madureira (2015) para o português, e ainda, dentre os primeiros, cabe mencionar o pioneirismo de Quilis (1991) e o desenvolvimento atingido no campo da fonética acústica por Montes de Oca (2011). O primeiro laboratório simplificado, fácil de instalar em qualquer microcomputador, o Multi-Speech Model 3700, produzido pela empresa norte-americana Kay Elemetrics a partir de 1995, podia ser adquirido no Brasil ao custo de dois mil dólares. Mas, no fim do século XX, Paul Boersma e David Weenink, professores da Universidade de Amsterdã (Spuistraat 2101012VT Amsterdam The Netherlands) lançaram o laboratório fonético PRAAT, acessível a qualquer usuário, mediante download gratuito.

Temos utilizado sistematicamente o laboratório Praat, desde o ano 2000, desenvolvendo diversas pesquisas. O presente artigo, síntese de um estudo concluído em 30 de junho de 2016, é uma continuidade de *Um estudo laboratorial sobre os traços acústicos binários dos sistemas vocálico e consonantal português e espanhol:*

convergências e divergências, uma outra investigação, realizada entre 2012 e 2014.¹

Trata-se, agora, de aprofundar duas realizações fonéticas da variante platina espanhola, que encontram um curioso paralelo na variante universal portuguesa.

A língua portuguesa, assim como a espanhola, possui um único sistema fonológico, mas numerosas variantes fonéticas, usadas nas diversas regiões e países onde é adotada. O fonema português fricativo, palatal, surdo /ʃ/, realizado em palavras como chuva, xícara, e o fricativo, palatal, sonoro /ʒ/, realizado em palavras como gente, jovem, inexistem – ao menos, a princípio – no sistema fonológico do castelhano, mas usam-se como variantes do fonema fricativo, palatal, sonoro /y/ e do lateral, palatal, sonoro / λ /, ambos castelhanos, em diversas regiões dos países platinos (Argentina, Uruguai e Paraguai), em palavras como yo (eu), hoyo (buraco), cónyuge (cônjuge), calle (rua), pollo (frango), hulla (carvão).²

O objetivo do presente artigo é apresentar os resultados da pesquisa *Um* estudo laboratorial sobre as variantes platinas e bonaerenses dos fonemas espanhóis fricativo palatal sonoro e lateral palatal sonoro e as variantes universais portuguesas dos fonemas fricativo palatal sonoro e fricativo palatal surdo, que levamos a efeito entre 1º de julho de 2014 e 31 de junho de 2016,³ mediante a análise das realizações fonéticas dos fonemas portugueses /ʃ/ fricativo, palatal, surdo e /ʒ/ fricativo, palatal, sonoro, segundo a variante universal, e realizações fonéticas dos fonemas espanhóis /y/ fricativo, palatal, sonoro e /ʎ/ lateral, palatal, sonoro, segundo a variante platina, que nos levaram a formulação da seguinte hipótese: Há mais convergências articulatórias e acústicas do que divergências entre as realizações fonéticas dos fonemas portugueses /ʃ/ fricativo, palatal, surdo e /ʒ/ fricativo, palatal, sonoro, segundo a variante universal, e as realizações fonéticas dos fonemas espanhóis /y/ fricativo, palatal, sonoro e /ʎ/ lateral, palatal, sonoro, segundo a variante platina e a variante bonaerense.

¹ Projeto de pesquisa aprovado pelas Câmaras de Pós-Graduação e Pesquisa da UFPE sob № de Protocolo 23076.029363/2012-91.

² Contudo, cabe resenhar aqui a proposta de SERRA, BERTELEGUI & ABREU (2007, p.28-29), segundo a qual no quadro do "sistema fonológico do espanhol de Buenos Aires" inclui-se como *fonema* a forma |Z|, que, por sua vez, apresentaria até três alofones: [Z], em talle, $[\Sigma]$ em calle e $[d\mathfrak{F}]$ em cón**y**uge.

2. Estado da questão: fortuna crítica

Português e espanhol possuem um perfil linguístico semelhante, porque têm uma mesma origem latina e influências parecidas de línguas germânicas, especialmente do gótico, e do árabe. Para sermos exatos, português e espanhol, eram, na sua origem, duas variantes dialectais do latim (MASIP, 2003). O desafio consiste em detectar suas semelhanças e diferenças em todos os níveis, a começar pelo fonético-fonológico.

Fundamentamos nosso trabalho nas ideias de Trubetzkoy (1973), comentadas por Martinet (1974), sobre as quais Jakobson & Halle (1973) e mais tarde o próprio Jakobson (1988) basearam seu preciso elenco de traços, permanecendo sempre ligado à perspectiva binária; distinguiam entre traços configurativos (configurative features), que dividem as expressões em unidades gramaticais de diferentes graus de complexidade (frases e palavras) indicando sua hierarquia (traços culminativos) e sua delimitação e integração (traços demarcativos), traços expressivos ou enfáticos (expressive features or emphatics), que põem uma ênfase relativa em diferentes partes de uma expressão ou em diferentes expressões e sugerem atitudes emocionais do emissor, e traços redundantes (redundant features), aqueles traços distintivos e configurativos que se referem a unidades semânticas. Seu auge foi tamanho que a gramática gerativa o colocou no centro da sua fonologia, prescindindo do conceito de fonema, ao menos no seu sentido primitivo e original, ou seja, o taxionômico. Jakobson superou, assim, o processo de pura substituição ou comutação, que punha na mesma classe de equivalência os termos que podiam comutar-se, ocasionando uma variação concomitante de sentido em um ponto da cadeia falada.

Os traços podem ser segmentais e suprassegmentais. Os primeiros são os que formam parte de um som segmentável na cadeia fônica, de tal modo, que podemos emitir por separado um conjunto desses traços, já que gerarão a impressão unitária de um som determinado. Os segundos podem afetar a uma série de sons não passíveis de segmentação porque, ao serem divididos, perderiam os traços prosódicos que os caracterizam. A intensidade é um traço suprassegmental que se dá ao longo de uma

³ Projeto de pesquisa aprovado pelas Câmaras de Pós-Graduação e Pesquisa da UFPE sob Nº de Protocolo 23076.030033/2014-18.

sílaba; basta separar algum elemento dessa sílaba para destruir a impressão unitária da intensidade; por exemplo, em castelhano notamos que, na palavra pasó, a segunda sílaba é mais forte do que a primeira; é possível que a escritura nos induza a dizer que o acento recai no |o|, mas, na verdade, também o |s| é portador de uma maior intensidade e seria muito difícil, senão impossível, pronunciar um só elemento da sílaba com intensidade prescindindo do outro; se o fizéssemos, destruiríamos a sílaba, pois escutaríamos pas-ó, em lugar de pa-só, ao tentar diminuir a intensidade do |s|.

Jakobson e Halle (1973), ao compararem os traços prosódicos e inerentes (segmentais), afirma que qualquer traço prosódico se baseia, principalmente, no contraste entre duas variáveis ao longo de uma ou de algumas sequências temporais: o relativo declive da voz, força da voz ou duração de uma dada fração é determinada com respeito à precedência ou sucessão de frações. A quantidade de uma vogal pode ser estabelecida somente em relação à quantidade de outras vogais dentro do contexto ou em relação às consoantes subsequentes; depende, também, do hábito do interlocutor. O traço prosódico envolve duas coordenadas: 1) os termos polares (alto e baixo registro; tom crescente e decrescente; longo e curto) podem aparecer, todos eles, na mesma posição dentro da sequência; assim, o falante usa seletivamente, e o ouvinte apreende seletivamente, uma das duas alternativas e identifica a escolhida em relação à rejeitada. Estas duas alternativas, uma presente e uma ausente numa dada unidade de mensagem, constituem a verdadeira oposição lógica. 2) Por outro lado, dois termos polares são totalmente reconhecíveis somente quando ambos estão presentes em dada sequência; então, o falante executa e o ouvinte percebe seu contraste.

Assim, duas alternativas de traço prosódico coexistem no código como dois termos de uma oposição e, além disso, produzem o contraste dentro da mensagem. Se a mensagem for demasiado breve para incluir dois contrastes unidos, o traço poderá ser inferido de alguma pista (*substitutive cue*) no texto subsequente. Já o reconhecimento e a definição de um traço inerente (*segmental*) baseia-se apenas na escolha entre duas alternativas admissíveis, na mesma posição, durante a sequência.

A grande mudança no estudo e classificação do som se deu com a introdução da metodologia acústica, graças a avanços tecnológicos definitivamente consolidados

no fim da década de quarenta com o advento do *Sonagraph*, um instrumento de pesquisa que permitiu estabelecer a correspondência entre as dimensões articulatória e acústica, conseguindo que a fonética acústica ocupasse o lugar que lhe correspondia. Jakobson realizou as pesquisas definitivas para consolidar o binarismo – que já vinha amadurecendo desde 1938, quando conseguiu decompor as consoantes em oposições fundamentais – no Massachusetts Institute of Technology e no laboratório psíquico-acústico da Universidade de Harvard junto com Fant e Halle (1963). Fant (1970; 1973) desenvolveria ainda com precisão esta linha de pesquisa.

Toda a concepção binarista enlaça estreitamente fonética e fonologia, de modo que uma separação entre ambas só é possível metodologicamente. A fonologia jakobsoniana baseia-se por completo em fatos fonéticos partindo do conceito de oposição lógica, na qual um termo exige seu contrário e só existe em virtude da diferença com seu oposto. Assim, seria absurdo definir a sonoridade se não aparecesse a surdez, ou a nasalidade sem a oralidade.

Jakobson & Halle (1973) apresentam três tipos de traços prosódicos, que classificam segundo parâmetros físicos ou psicológicos: o tom ou frequência do fundamental, que corresponde à tonia ou altura da voz; a intensidade ou força, que corresponde à sonia ou estrépito da voz e a quantidade, que corresponde à duração subjetiva ou protensidade.

Mesmo que já tenhamos definido a noção de traço, vale a pena trazer a distinção que os próprios autores fazem:

Os traços prosódicos se manifestam unicamente naqueles fonemas que formam o ápice da sílaba e podem ser definidos só com referência ao relevo da sílaba ou da cadeia silábica; os inerentes, porém, aparecem nos fonemas independentemente do seu papel no relevo da sílaba; e sua definição de traço não pode ser relacionada com o relevo da sílaba ou com a cadeia silábica. (JAKOBSON & HALLE, 1973, p.33)

Só os fonemas que constituem o núcleo silábico apresentam traços prosódicos e unicamente podem ser definidos em função do relevo da sílaba ou da cadeia silábica.

3. Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa

Decidimos partir da classificação fonológica articulatória do português e do espanhol antes de abordar os sistemas sob a ótica acústica, porque Jackobson & Halle (1973) assim o propõem para pesquisar qualquer língua natural, além das contribuições que consideramos pertinentes para nosso propósito de modelos posteriores, desenvolvidos dentro do amplo espectro gerativo por Halle, primeiro em CHOMSKY & HALLE (1979) e mais tarde na fonologia autossegmental e métrica (HALLE & CLEMENTS, (1991), embora as análises propostas prescindam do componente acústico em favor do articulatório.

Concluído o levantamento articulatório, escolhemos palavras espanholas que contivessem as duas variantes platinas contempladas e palavras portuguesas que contivessem as duas variantes universais correspondentes. Logo depois, fizemos as gravações de cada uma das palavras fônicas citadas e as analisamos, à luz do conjunto de traços binários, inerentes e prosódicos de Jackobson & Halle (1973), estabelecendo contrastes e tirando conclusões.

Uma vez descritos os fonemas portugueses $|\mathcal{J}|$ fricativo, palatal, surdo; $|\mathcal{J}|$ fricativo, palatal, sonoro e $|\mathcal{K}|$ lateral, palatal, sonoro; e espanhóis $|\mathcal{J}|$ fricativo, palatal sonoro e $|\mathcal{K}|$ lateral, palatal, sonoro, com seus respectivos alofones, contrastamos os sons-alvo, comuns às duas línguas, objetivo da nossa pesquisa: as variantes platinas $[\mathcal{J}]$ [3] dos fonemas espanhóis $|\mathcal{J}|$ fricativo, palatal, sonoro e $|\mathcal{K}|$ lateral, palatal, sonoro e as variantes universais portuguesas $[\mathcal{J}]$ [3] dos fonemas $|\mathcal{J}|$ fricativo, palatal, surdo.

Os alofones (também chamados *variantes*) platinos [ʃ] [ʒ] dos fonemas do castelhano /y/ /ʎ/ se realizam majoritariamente nos países situados na bacia do Rio de la Plata: Argentina, Paraguai e Uruguai e foram registrados na presente pesquisa nos seguintes arquivos: 1) variante [ʒ], procedente do fonema /y/: arquivos 1, 2, 3 e $4;^4$ 2) variante [ʃ], procedente do fonema /y/: arquivos 5, 6, 7 e $8;^5$ 3) variante [ʃ], procedente

⁵ Formas registradas no arquivo 5 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /y/: yiu-yitsu, yerno, yace, yo, yuca. Formas registradas no arquivo 6 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /y/: un yacimiento, enyesar, el yeso. Formas registradas no arquivo 7 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /y/: joyita,

Eutomia, Recife, 19 (1): 23-45, Jul. 2017

⁴ Formas registradas no arquivo 1 para o alofone [ʒ], procedente do fonema /y/: yiu-yitsu, yerno, yace, yo, yuca. Formas registradas no arquivo 2 para o alofone [ʒ], procedente do fonema /y/: un yacimiento, enyesar, el yeso. Formas registradas no arquivo 3 para o alofone [ʒ], procedente do fonema /y/: joyita, joyero, cayado, coyote, ayuda. Formas registradas no arquivo 4 para o alofone [ʒ], procedente do fonema /y/: boyita, huye, haya, mayo, ayudar. Cf. ANEXO 1.

do fonema $/ \delta /$: arquivos 9, 10, 11 e 12; variante [3], procedente do fonema $/ \delta /$: arquivos 13, 14, 15 e 16. 7

Os alofones portugueses [ʃ] [ʒ], procedentes da realização dos fonemas /ʃ/ /ʒ/, estão registrados na presente pesquisa nos seguintes arquivos: 1) variante [ʃ], procedente do fonema /ʃ/: arquivos 17,18, 19 e 20;8 2) variante [ʒ], procedente do fonema /ʒ/: arquivos 21, 22, 23 e 24.9

Fizemos, pois, o contraste entre: 1) a variante universal portuguesa [ʃ], procedente do fonema português /ʃ/, registrada nos arquivos 17, 18, 19 e 20, e a variante bonaerense [ʃ], procedente do fonema espanhol /y/, registrada nos arquivos 5, 6, 7 e 8 e a variante, também bonaerense [ʃ], procedente do fonema espanhol /ʎ/, registrada nos arquivos 9, 10, 11 e 12; 2) a variante universal portuguesa [ʒ], procedente do fonema português /ʒ/, registrada nos arquivos 21, 22, 23 e 24, e a variante platina [ʒ], procedente do fonema espanhol /y/, registrada nos arquivos 1, 2, 3 e 4, e a variante, também platina [ʒ], procedente do fonema espanhol /ʎ/, registrada nos arquivos 13, 14, 15 e 16.

4. Análises contrastivas

joyero, cayado, coyote, ayuda. Formas registradas no arquivo 8 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /y/: boyita, huye, haya, mayo, ayudar. Cf. ANEXO 2.

Eutomia, Recife, 19 (1): 23-45, Jul. 2017

⁶ Formas registradas no arquivo 9 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /ʎ/: Ilicta, Ileva, Ilava, Ilora, Iluvia. Formas registradas no arquivo 10 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /ʎ/: bullicio, taquillero, villano, sillón, talludo. Formas registradas no arquivo11 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /ʎ/: Ilegará, Ilavero, Ilorón, Iluvioso. Formas registradas no arquivo 12 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /ʎ/: bullicioso, calle, olla, sollozar, talludito. Cf. ANEXO 3.

⁷ Formas registradas no arquivo 13 para o alofone [3], procedente do fonema $|\mathcal{K}|$: Ilicta, Ileva, Ilava, Ilova, Iluvia. Formas registradas no arquivo 14 para o alofone [3], procedente do fonema $|\mathcal{K}|$: bullicio, taquillero, villano, sillón, talludo. Formas registradas no arquivo15 para o alofone [3], procedente do fonema $|\mathcal{K}|$: Ilegará, Ilavero, Ilorón, Iluvioso. Formas registradas no arquivo 16 para o alofone [3], procedente do fonema $|\mathcal{K}|$: bullicioso, calle, olla, sollozar, talludito. Cf. ANEXO 4.

⁸ Formas registradas no arquivo 17 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /ʃ/: Chico, chega, chefe, chá, chave, chope, chuva. Formas registradas no arquivo 18 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /ʃ/: cochilo, aconchego, axé, pixote, pachorra, brochura. Formas registradas no arquivo 19 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /ʃ/: chinelo, xeretar, chacota, chorar, chulé. Formas registradas no arquivo 20 para o alofone [ʃ], procedente do fonema /ʃ/: rouxinol, cachecol, fecha, pachorrento, acho. Cf. ANEXO 5.

⁹ Formas registradas no arquivo 21 para o alofone [ʒ], procedente do fonema /ʒ/: giro, jeito, jegue, jaca, jogo, juro. Formas registradas no arquivo 22 para o alofone [ʒ], procedente do fonema /ʒ/: sugiro, trejeito, trajeto, sujar, invejosa, invejoso, beiju. Formas registradas no arquivo 23 para o alofone [ʒ], procedente do fonema /ʒ/: girar, gelado, jacaré, jogada, juventude. Formas registradas no arquivo 24 para o alofone [ʒ], procedente do fonema /Z/: lógica, singeleza, cajazeiras, tigelada, cajueiro. Cf. ANEXO 6.

4.1 Contraste entre os arquivos portugueses 17, 18, 19 e 20, e os castelhanos, variante bonaerense, 5, 6, 7 e 8; 9, 10, 11 e 12.

Em primeiro lugar, fizemos o contraste entre os [ʃ] **tônicos** portugueses, procedentes do fonema português /ʃ/ (arquivos 17 e 18), com a colaboração de até três sujeitos informantes brasileiros nativos naturais de Pernambuco, sendo duas mulheres e um homem, e os [Σ] **tônicos** bonaerenses, com a colaboração de três sujeitos naturais da cidade de Buenos Aires, que moram no Brasil, sendo dois homens e uma mulher, procedentes dos fonemas espanhóis /y/ (arquivos 5 e 7) e / δ / (arquivos 9 e 10):

Traços acústicos	[ʃ] tônico português	[ʃ] tônico bonaerense	Diferenças
	(arq 17, 18)	(arq 5, 7, 9 e 10)	
Agudo/grave	Agudo (hz)	Agudo (hz)	Os sons tônicos
	Altura média:	Altura média:	portugueses são um
	1947,5	1935,5	pouco mais agudos
Consonantal/não	Consonantal (área de	Consonantal (área de	Nenhuma; em todos
consonantal	não ressonância	não ressonância	os casos, a área de
	diversificada, devido à	diversificada, devido à	não ressonância
	contiguidade vocálica)	contiguidade vocálica)	depende das vogais
			contíguas
Denso/difuso	Denso (db)	Denso (db)	A densidade dos
	Intensidade média:	Intensidade média:	tônicos portugueses é
	69,34	68,35	levemente superior
Estridente/doce	Estridente;	Estridente;	Nenhuma; em ambos
	irregularidade	irregularidade	os casos, a diversa
	semelhante das ondas,	semelhante das ondas,	extensão das ondas se
	mas de diversa	mas de diversa	explica pela
	extensão	extensão	contiguidade vocálica
Interrupto/contínuo	Contínuo	Contínuo	Nenhuma
Nasal/oral	Oral	Oral	Nenhuma
Surdo/sonoro	Surdo	Surdo	Nenhuma
Vocál./não vocal.	Não vocálico	Não vocálico	Nenhuma
Duração	Duração média (ms):	Duração média (ms):	A duração dos sons
	0,209	0,152	tônicos portugueses é
			maior.

Em segundo lugar, fizemos o contraste entre os [ʃ] **átonos** portugueses, procedentes do fonema português /ʃ/ (arquivos 19 e 20), com a colaboração dos

_

¹⁰ Os critérios observados no desenvolvimento geral da pesquisa bem como na seleção dos sujeitos informantes, seguem, em termos gerais, as apreciações de praxe neste tipo de trabalhos recolhidas, entre outros, por CRESWELL (2010) ou TURATO (2003).

sujeitos informantes acima descritos, e os [ʃ] **tônicos/átonos** bonaerenses, procedentes dos fonemas espanhóis /y/, (arquivos 6 e 8) e /ʎ/ (arquivos 11 e 12), também com a colaboração dos sujeitos informantes acima descritos:

Traços acústicos	[ʃ] átono português (arq 19, 20)	[ʃ] tônico/átono bonaerense (Arq 6, 8, 11, 12)	Diferenças
Agudo/grave	Agudo (hz)	Agudo (hz)	Os sons
	Altura média:	Altura média:	tônicos/átonos
	1861,5	1914,5	bonaerenses são um
			pouco mais agudos.
Consonantal/não	Consonantal (área de	Consonantal (área de	Única diferença: nos
consonantal	não ressonância	não ressonância	sons átonos
	diversificada, devido à	diversificada, devido à	portugueses, só há
	contiguidade vocálica)	contiguidade vocálica	contiguidade vocálica
		ou consonantal)	e, nos tônicos/átonos
			bonaerenses,
			contiguidade vocálica
			e consonantal
Denso/difuso	Denso (db)	Denso (db)	A densidade dos sons
	Intensidade média:	Intensidade média:	tônicos/átonos
	67,34	68,98	bonaerenses é um
			pouco superior.
Estridente/doce	Estridente;	Estridente;	As diferenças
	irregularidade	irregularidade	dependem da
	semelhante das ondas,	semelhante das ondas,	contiguidade vocálica,
	mas de diversa	mas de diversa	no caso dos sons
	extensão	extensão	átonos portugueses, e
			da contiguidade
			vocálico/consonantal
			no caso dos
			tônicos/átonos
			bonaerenses
Interrupto/contínuo	Contínuo	Contínuo	Nenhuma
Nasal/oral	Oral	Oral	Nenhuma
Surdo/sonoro	Surdo	Surdo	Nenhuma
Vocál./não vocal.	Não vocálico	Não vocálico	Nenhuma
Duração	Duração média (ms):	Duração média (ms):	A duração dos sons
	0,192	0,145	átonos portugueses é
			maior.

Finalmente, fizemos o contraste entre todos os sons [ʃ] portugueses, procedentes do fonema português /ʃ/ (arquivos 17, 18, 19 e 20) e todos os sons [ʃ] bonaerenses, procedentes dos fonemas espanhóis /y/, (arquivos 5, 6, 7 e 8) e /ʎ/

(arquivos 9, 10, 11 e 12), sem distinção de tonicidade, em ambos os casos, com a colaboração dos informantes já descritos acima:

Traços acústicos	[ʃ] portugués	[ʃ] bonaerense	Diferenças
	(arq 17, 18, 19, 20)	(arq 5, 6, 7, 8, 9, 10,	
		11, 12)	
Agudo/grave	Agudo (hz)	Agudo (hz)	Os sons bonaerenses são
	Altura média:	Altura média:	um pouco mais agudos
	1904,5	1925	
Consonantal/não	Consonantal (área de	Consonantal (área de	Única diferença: a área
consonantal	não ressonância	não ressonância	de não ressonância dos
	diversificada, devido	diversificada, devido	sons portugueses
	à contiguidade	à contiguidade	depende da contiguidade
	vocálica)	vocálica e	vocálica e a dos
		consonantal)	bonaerenses, da
			contiguidade vocálica e
			consonantal
Denso/difuso	Denso (db)	Denso (db)	A densidade dos sons
	Intensidade média:	Intensidade média:	bonaerenses é levemente
	68,38	69,16	superior
Estridente/doce	Estridente;	Estridente;	A estridência é
	irregularidade	irregularidade	semelhante; a sua diversa
	semelhante das	semelhante das	extensão depende da
	ondas, mas de diversa	ondas, mas de	contiguidade vocálica, no
	extensão	diversa extensão	caso dos sons
			portugueses, e da
			contiguidade
			vocálico/consonantal no
			caso dos bonaerenses
Interrupto/contínuo	Contínuo	Contínuo	Nenhuma
Nasal/oral	Oral	Oral	Nenhuma
Surdo/sonoro	Surdo	Surdo	Nenhuma
Vocál./não vocal.	Não vocálico	Não vocálico	Nenhuma
Duração	Duração média (ms):	Duração média (ms):	A duração dos sons
	200,5	148,5	portugueses é maior.

4.2. Contraste entre os arquivos portugueses 21, 22, 23 e 24 e os castelhanos, variante platina, 1, 2, 3 e 4; 13, 14, 15 e 16

Em primeiro lugar, fizemos o contraste entre os [3] tônicos portugueses, procedentes do fonema português /3/ (arquivos 21 e 22), com a colaboração dos sujeitos informantes acima descritos, e os [3] tônicos platinos, procedentes do fonemas espanhóis /y/ (arquivos 1 e 3) e / Δ / (arquivos 13 e 14), no caso, contando com a colaboração de um sujeito informante homem paraguaio residente no Brasil e mais

dois informantes, homem e mulher, de nacionalidade paraguaia, também residentes no Brasil:

Traços acústicos	[ʒ] tônico portugués	[ʒ] tônico platino	Diferenças
	(arq 21, 22)	(Arq 1, 3, 13, 14)	
Agudo/grave	Agudo (hz)	Agudo (hz)	Os sons tônicos
	Altura média:	Altura média:	platinos são um pouco
	1760,5	1809,5	mais agudos
Cons./não cons.	Consonantal (área de	Consonantal (área de	Nenhuma; em todos
	não ressonância	não ressonância	os casos, a área de
	diversificada, devido à	diversificada, devido à	não ressonância
	contiguidade vocálica)	contiguidade vocálica)	depende das vogais
			contíguas
Denso/difuso	Denso (db)	Denso (db)	A densidade dos
	Intensidade média:	Intensidade média:	tônicos portugueses é
	68,09	63,84	maior.
Estridente/doce	Semiestridente;	Semiestridente; diversa	Nenhuma. As
	diversa irregularidade	irregularidade das	diferenças dependem
	das ondas	ondas	das vogais contíguas
Interrupto/contínuo	Contínuo	Contínuo	Nenhuma
Nasal/oral	Oral	Oral	Nenhuma
Surdo/sonoro	Sonoro	Sonoro	Nenhuma
Vocál./não vocál.	Não vocálico	Não vocálico	Nenhuma
Duração	Duração média (ms):	Duração média (ms):	A duração dos tônicos
	0,194	0,189	portugueses é maior.

Em segundo lugar, fizemos o contraste entre os [3] átonos portugueses, procedentes do fonema português |Z| (arquivos 23 e 24) e os [3] tônicos/átonos platinos, procedentes dos fonemas espanhóis |y| (arquivos 2 e 4) e |K| (arquivos 15 e 16), em ambos os casos sempre tomando como informantes os sujeitos acima descritos:

Traços acústicos	[ʒ] átono português (arq 23, 24)	[ʒ] tônico/átono platino	Diferenças
	(*** q =5/ =4/	(Arq 2, 4, 15, 16)	
Agudo/grave	Agudo (hz)	Agudo (hz)	Os sons
	Altura média:	Altura média:	tônicos/átonos
	1756,5	1937,5	platinos são mais
			agudos
Cons./não cons.	Consonantal (área de	Consonantal (área de	A única diferença
	não ressonância	não ressonância	reside em que, nos
	diversificada, devido à	diversificada, devido à	sons átonos
	contiguidade vocálica)	contiguidade vocálica	portugueses, só há
		ou consonantal)	contiguidade vocálica

			e, nos tônicos/átonos
			platinos, contiguidade
			vocálica e consonantal
Denso/difuso	Denso (db)	Denso (db)	A densidade dos sons
	Intensidade média:	Intensidade média:	átonos portugueses é
	66, 73	63,21	maior.
Estridente/doce	Semiestridente;	Semiestridente;	As diferenças
	irregularidade	irregularidade	dependem da
	semelhante das ondas,	semelhante das ondas,	contiguidade vocálica,
	mas de diversa	mas de diversa	no caso dos sons
	extensão	extensão	átonos portugueses, e
			da contiguidade
			vocálico/consonantal
			no caso dos
			tônicos/átonos
			platinos
Interrupto/contínuo	Contínuo	Contínuo	Nenhuma
Nasal/oral	Oral	Oral	Nenhuma
Surdo/sonoro	Sonoro	Sonoro	Nenhuma
Vocál./não vocal.	Não vocálico	Não vocálico	Nenhuma
Duração	Duração média (ms):	Duração média (ms):	A duração dos sons
	0,170	176,5	átonos platinos é um
			pouco maior.

Finalmente, fizemos o contraste entre todos os sons [Z] portugueses, procedentes do fonema português /Z/ (arquivos 21, 22, 23 e 24) e todos os sons [Z] platinos, procedentes dos fonemas espanhóis /y/, (arquivos 1, 2, 3 e 4) e /ʎ/ (arquivos 13, 14, 15 e 16), sem distinção de tonicidade, em todos os casos, sempre tomando como informantes os sujeitos acima descritos:

Traços acústicos	[ʒ] português	[3] platino	Diferenças
	(arq 21, 22, 23 e 24)	(Arq 1, 2, 3, 4, 13, 14,	
		15 e 16)	
Agudo/grave	Agudo (hz)	Agudo (hz)	Os sons platinos são
	Altura média:	Altura média:	mais agudos
	1758,5	1873,5	
Cons./não cons.	Consonantal (área de	Consonantal (área de	A única diferença
	não ressonância	não ressonância	reside em que, nos
	diversificada, devido à	diversificada, devido à	sons portugueses, só
	contiguidade vocálica)	contiguidade vocálica e	há contiguidade
		consonantal)	vocálica e, nos
			platinos, contiguidade
			vocálica e consonantal
Denso/difuso	Denso (db)	Denso (db)	A densidade dos sons
	Intensidade média:	Intensidade média:	portugueses é um
	67,41	63,52	pouco maior

Eutomia, Recife, 19 (1): 23-45, Jul. 2017

Estridente/doce	Semiestridente;	Semiestridente; diversa	As diferenças
	diversa irregularidade	irregularidade das	dependem da
	das ondas, mas de	ondas	contiguidade vocálica,
	diversa extensão		no caso dos sons
			portugueses, e da
			contiguidade
			vocálico/consonantal
			no caso dos platinos
Interrupto/contínuo	Contínuo	Contínuo	Nenhuma
Nasal/oral	Oral	Oral	Nenhuma
Surdo/sonoro	Sonoro	Sonoro	Nenhuma
Vocálico/não	Não vocálico	Não vocálico	Nenhuma
vocálico			
Duração	Duração média (ms):	Duração média (ms):	A duração de ambos
	0,182	0,182,7	os sons é
			praticamente a
			mesma

5. Considerações finais: síntese da pesquisa e consecução da hipótese

O conjunto das pesquisas efetuadas mostra os seguintes resultados:

O som português [ʃ], procedente do fonema português /ʃ/, e o som bonaerense [ʃ], procedente dos fonemas espanhóis /y/ e /ʎ/: 1) coincidem totalmente em quatro traços: ambos são contínuos, orais, surdos e não vocálicos; 2) coincidem parcialmente em cinco traços: ambos são agudos, apresentando pequenas diferenças de altura; consonantais, com áreas de não ressonância semelhantes; densos, com níveis de intensidade parecida; estridentes, divergindo apenas na extensão da irregularidade das ondas e de duração compatível

O som português [3], procedente do fonema português /3/, e o som platino [3], procedente dos fonemas espanhóis /y/ e / λ /: 1) coincidem igualmente em quatro traços: ambos são contínuos, orais, sonoros e não vocálicos; 2) coincidem parcialmente em cinco traços: ambos são agudos, apresentando pequenas diferenças de altura; consonantais, com áreas de não ressonância semelhantes; densos, com níveis de intensidade parecida; semiestridentes, divergindo apenas na extensão da irregularidade das ondas e de duração compatível.

Constata-se uma distribuição complementar de traços no conjunto de todas as realizações, sendo registradas apenas duas diferenças: os sons [ʃ], procedentes tanto do fonema português /ʃ/ quanto dos fonemas espanhóis /y/ /×/ são surdos e

estridentes, enquanto que os sons [3], procedentes tanto do fonema português /3/ quanto dos fonemas espanhóis /y/ / Λ / são sonoros e semiestridentes.

Após os resultados obtidos, consideramos demonstrada (mesmo que a título precário em função da seleção dos sujeitos escolhidos para a pesquisa) a hipótese, formulada no início do presente artigo: "Há mais convergências articulatórias e acústicas do que divergências entre as realizações fonéticas dos fonemas portugueses /ʃ// fricativo palatal surdo e /ʒ/ fricativo palatal sonoro, segundo a articulação universal, e as realizações fonéticas dos fonemas espanhóis /y/ fricativo palatal sonoro e /ʎ/ lateral palatal sonoro, segundo as variantes platina (Argentina, Paraguai e Uruguai) e bonaerense (Buenos Aires)".

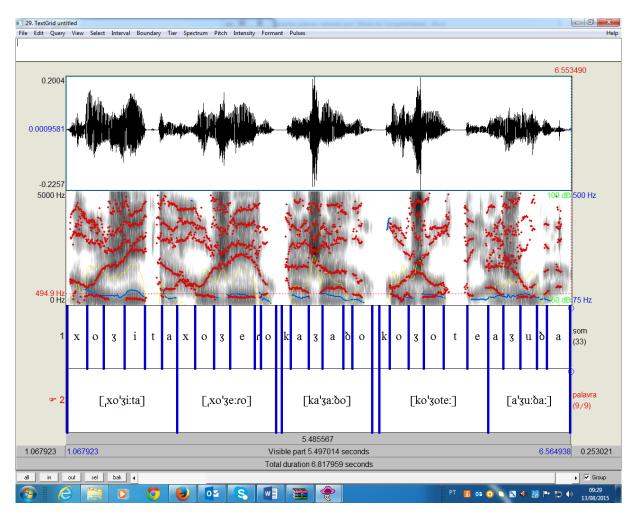
A pesquisa que baseou o presente artigo pretendia demonstrar a hipótese formulada, mediante o registro de enunciados produzidos por falantes de língua portuguesa, de qualquer região, e por falantes de língua espanhola, oriundos das regiões onde se usam as variantes descritas: a platina (Argentina, Paraguai, Uruguai) e a bonaerense (Buenos Aires).

Mesmo que os resultados obtidos não sejam definitivos, por razões óbvias (por isso consideramos demonstrada a hipótese "a título precário"), consideramos que o presente trabalho pode ser de grande utilidade para futuros pesquisadores que decidam realizar a investigação mais completa, pois estão convenientemente descritos o método e os contextos de estudo, assim como as abordagens e estratégias pertinentes.

Ficam em aberto interessantes questionamentos a propósito de certas afirmações que aparecem em métodos e gramáticas de ELE e, inclusive, em manuais de fonética e fonologia espanholas. Com efeito, este tipo de estudo, focado no campo da lingüística aplicada laboratorial, serve de esteio para rever, no campo dos estudos dos processos de ensino-aprendizagem de ELE, as relações entre as variantes fonéticas e o sistema fonológico (virtual) do castelhano, assim como para questionar enunciados assertivos do tipo: os fonemas [ʃ], [3] do português não existem em castelhano, nem sequer como alofones.

ANEXO 1

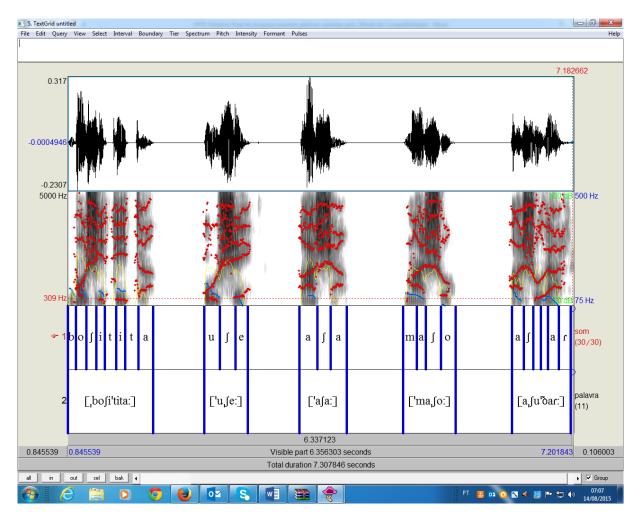
Amostra de realização da variante [3] procedente do fonema /y/



Arquivo 3: joyita (joinha), joyero (joalheiro), cayado (cajado), coyote (lobo), ayuda (ajuda)

ANEXO 2

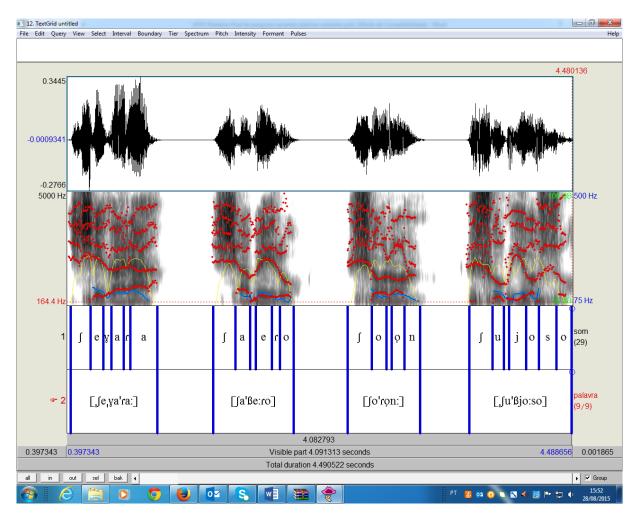
Amostra de realização da variante [ʃ] procedente do fonema /y/



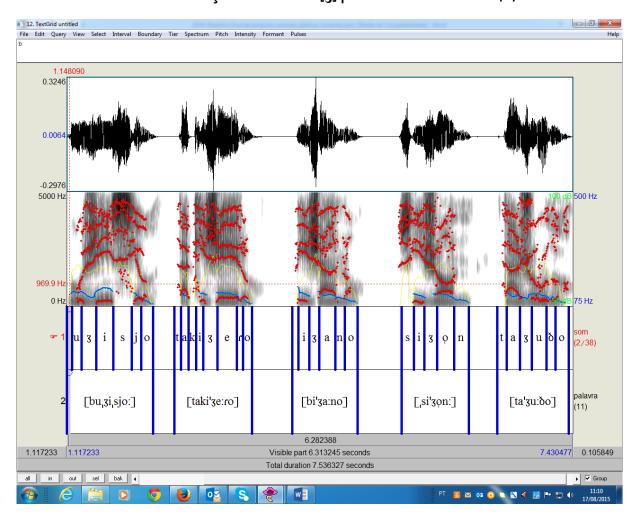
Arquivo 8: boyitita (boiazinha), huye (foge), haya (haja), mayo (maio), ayudar (ajudar)

ANEXO 3

Amostra de realização da variante [ʃ] procedente do fonema /ʎ/



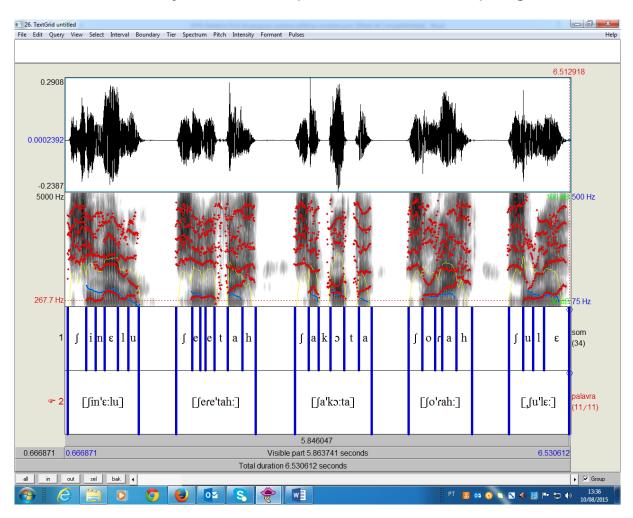
Arquivo 11: llegará (chegará), llavero (chaveiro), llorón (chorão), lluvioso (chuvoso)



Arquivo 14: bullicio (barulho), taquillero (vendedor de passagens e ingressos), villano (vilão, morador de vila), sillón (poltrona), talludo (pessoa alta)

ANEXO 5

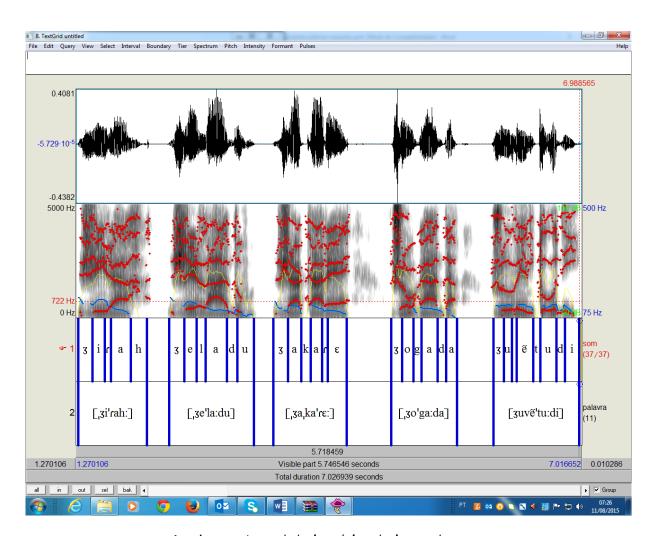
Amostra de realização da variante [ʃ] procedente do fonema /ʃ/ (português)



Arquivo 19: chinelo, xeretar, chacota, chorar, chulé

ANEXO 6

Amostra de realização da variante [3] procedente do fonema /3/ (português)



Arquivo 23: girar, gelado, jacaré, jogada, juventude

Referências bibliográficas

BARBOSA, Plínio Almeida; MADUREIRA, Sandra. Fonética Acústica Experimental. Aplicações aos dados do português. São Paulo: Cortez, 2015.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris **Principios de fonología generativa** (The Sound Pattern of English). Madrid: Fundamentos, 1979.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa.** Método Qualitativo, Quantitativo e Misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FANT, Gunnar. **Speech Sounds Features.** Cambridge-Mass.: MIT Press, 1973.

_____. **Theory of Speech Production.** La Haya: Mouton, 1970.

HALLE, Morris; CLEMENTS, George N. **Problemas de Fonología**. Madrid: Minerva Ediciones, 1991.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____; FANT, Gunnar; HALLE, Morris. **Preliminaries to speech analysis**: The Distinctive Features and their Correlates. Cambridge-Mass: The MIT Press, 1963.

_____ & HALLE, Morris. Fundamentos del Languaje. Madrid: Ayuso, 1973.

MARTINET, André. Economía de los cambios fonéticos. Madrid: Gredos, 1974.

MARTÍNEZ CELDRÁN, Eugenio; FERNÁNDEZ PLANAS, Ana. María. **Manual de fonética española.** Barcelona: Planeta, 2013.

MASIP, Vicente. **Gramática histórica portuguesa e espanhola:** um estudo sintético e contrastivo. São Paulo: EPU, 2003.

MONTES DE OCA, Domingo Román. **Manual para análisis fonético acústico.** Santiago de Chile: PFIFFER, 2011.

QUILIS, Antonio. **El comentario fonológico y fonético de textos** (teoría y práctica). Madrid, Arco / Libros. 1991.

SERRA, Lúcia de A.; BERTELEGNI, María C.; ABREU, Regina M. M. Fonética Aplicada a la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera. Un curso para lusófonos. São Paulo: Editora Galpão, 2007.

TRUBETZKOY, Nikolay S. Principios de Fonología. Madrid: Editorial Cincel, 1973.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa.** Petópilis: Vozes, 2003.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, Recife (PE)

vmasip@terra.com.br

Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, Recife (PE)

ampoza@globo.com